



Avaliação,  
Políticas  
e Expansão  
**da Educação  
Brasileira 7**

**Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)**

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão da  
Educação Brasileira 7

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

A945 Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira 7 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira; v. 7)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-464-1

DOI 10.22533/at.ed.641191007

1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 379.981

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

Atena  
Editora

Ano 2019

## APRESENTAÇÃO

O livro “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira” contou com a contribuição de mais de 270 artigos, divididos em 10 volumes. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da educação, sobretudo, avaliação, políticas e expansão da educação brasileira.

A temática principal foi subdividida e ficou assim organizada:

Formação inicial e continuada de professores - **Volume 1**

Interdisciplinaridade e educação - **Volume 2**

Educação inclusiva - **Volume 3**

Avaliação e avaliações - **Volume 4**

Tecnologias e educação - **Volume 5**

Educação Infantil; Educação de Jovens e Adultos; Gênero e educação - **Volume 6**

Teatro, Literatura e Letramento; Sexo e educação - **Volume 7**

História e História da Educação; Violência no ambiente escolar - **Volume 8**

Interdisciplinaridade e educação 2; Saúde e educação - **Volume 9**

Gestão escolar; Ensino Integral; Ações afirmativas - **Volume 10**

Deste modo, cada volume contemplou uma área do campo educacional e reuniu um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis do ensino.

Entregamos ao leitor a coleção “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira”, divulgando o conhecimento científico e cooperando com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A COMPREENSÃO DE LETRAMENTO DOS ALFABETIZADORES DE JOVENS E ADULTOS	
Maria Isabel Tromm	
Rosana Mara Koerner	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6411910071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>6</b>
A FORMAÇÃO E O FORTALECIMENTO DA LINGUAGEM TEATRAL COMO ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA PRÁXIS DOCENTE	
Hugo de Melo-Rodrigues	
José Albio Moreira de Sales	
Cicera Sineide Dantas Rodrigues	
Tatiana Maria Ribeiro Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6411910072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>14</b>
A IMPORTÂNCIA DA ESPECIFICIDADE DA LINGUAGEM LITERÁRIA PARA UMA EDUCAÇÃO CRÍTICA	
Susana Vieira Rismo Nepomuceno	
Gabriela Alves Ferreira de Oliveira	
Andréa Portolomeos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6411910073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>23</b>
A UTILIZAÇÃO DE TEXTOS JORNALÍSTICOS COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO CIENTÍFICA	
Rosemary Carvalho de Sousa	
Raphael Alves Feitosa	
Gerlyson Rubens dos Santos Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6411910074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>29</b>
AQUISIÇÃO DAS PRIMEIRAS FORMAS DA LINGUAGEM INFANTIL	
Givaldo Carlos Candrinho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6411910075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>33</b>
ATIVIDADES DO PROJETO CAMINOS: ENTRE A LÍNGUA, A LITERATURA E A CULTURA ARGENTINA	
Carla Luciane Klos Schöninger	
Iasmin Assmann Cardoso da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6411910076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>40</b>
DA PAIDEIA NA GRÉCIA CLÁSSICA À RELAÇÃO COM O <i>CORPO UTÓPICO</i> FOUCAULTIANO: ILAÇÕES SOBRE O DIÁLOGO DO DRAMATURGO ARISTÓFANES NO BANQUETE, DE PLATÃO	
Yvisson Gomes dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6411910077</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>49</b>
DALCÍDIO JURANDIR: UM ENSAIO SOBRE O ROMANCE DE FORMAÇÃO E A LITERATURA FORMATIVA	
Osileide de Jesus Lira Luzia Batista de Oliveira Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6411910078</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>59</b>
DESDE LA GESTIÓN DE COMPETENCIAS PLURILINGÜES EN HONDURAS HACIA EL DISEÑO DE UNA MAESTRÍA INNOVADORA EN DIDÁCTICA DE LENGUAS Y CULTURAS	
Jean Noel Cooman José Alexis Espino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6411910079</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>70</b>
DESVENDANDO UM LUGAR NO TEATRO POR MEIO DO DANJURO: A TÉCNICA A FAVOR DA ADOLESCÊNCIA	
Leonardo Augusto Madureira de Castro Isabella Fernanda Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64119100710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>79</b>
EXPERIÊNCIAS INTERCULTURAIS E VIVÊNCIAS DE CIDADANIA: A LITERATURA INFANTIL COMO ESTRATÉGIA EDUCATIVA NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR	
Ariana Silva da Fonseca	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64119100711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>94</b>
FAÇA ARTE NO IFPR: ACESSO À EDUCAÇÃO, CIDADANIA E INCLUSÃO POR MEIO DA ARTE E DA CULTURA	
Máriam Trierveiler Pereira Kathleen Mariane da Silva Lorena Fernandes de Oliveira Terezinha dos Anjos Abrantes Creir da Silva Marcelo Trierveiler Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64119100712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>112</b>
GRUPO DE TEATRO CATARSE: O TEATRO COMO POSSIBILIDADE DE DIÁLOGO SOBRE A INTOLERÂNCIA NA ATUALIDADE	
Ana Luiza Palhano Campos Silva Monick Munay Dantas da Silveira Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64119100713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>127</b>
IDENTIDADES EM RISCO: O DISCURSO DISSONANTE DE CAROLINA MARIA DE JESUS	
Janaína Da Silva Sá	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64119100714</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>139</b>
LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E AS CONTRIBUIÇÕES QUE OS ESTUDOS SOBRE LETRAMENTO TEM NOS REVELADO	
Laine Cristina Forati de Alencar	
DOI 10.22533/at.ed.64119100715	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>150</b>
LITERATURA E GÊNEROS TEXTUAIS ADAPTADOS PARA A CULTURA SURDA	
Noemi Teresinha Gorte Nolevaiko	
DOI 10.22533/at.ed.64119100716	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>158</b>
O GÊNERO RESENHA DE FILME: UMA ANÁLISE DESCRITIVA DAS CAPACIDADES DE LINGUAGEM	
Thaís Cavalcanti dos Santos	
Kathia Alexandra Lara Canizares	
Rosa Maria Manzoni	
DOI 10.22533/at.ed.64119100717	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>172</b>
A IMPORTÂNCIA DA AULA DE LITERATURA NA ESCOLA	
Andréa Portolomeos	
Sophia Assis Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.64119100718	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>179</b>
O LETRAMENTO NA VOZ DOS ACADÊMICOS DE PEDAGOGIA	
Jéssica Fernanda da Silva Gomes	
Rosana Mara Koerner	
DOI 10.22533/at.ed.64119100719	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>185</b>
O TEATRO COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Aurora Fernanda Aquino Garcete	
DOI 10.22533/at.ed.64119100720	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>194</b>
RELATO DE EXPERIÊNCIA SISTÊMICA EM SALA DE AULA: PROJETO PINTANDO COM GRAFITE - ESCOLA ESTADUAL PASCOAL RAMOS, CUIABÁ, MT	
Dilma Aparecida Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.64119100721	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>201</b>
UMA ABORDAGEM DO TEXTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA ATRAVÉS DAS RODAS DE LEITURA	
Simone Aparecida Botega	
Andréa Portolomeos	
DOI 10.22533/at.ed.64119100722	



<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>209</b>
UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE TEATRO NA EDUCAÇÃO E A PROBLEMÁTICA DA INDÚSTRIA CULTURAL E DA SEMIFORMAÇÃO NAS PESQUISAS	
Leonardo Augusto Madureira de Castro	
Isabella Fernanda Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64119100723</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>223</b>
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROGRAMA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA COM ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE SÃO CARLOS-SP	
Ana Caroline Marques de Souza	
Caroline Bastos de Souza	
Laís Ferraz de Assis Pinto	
Ariele Gomes Botelho	
Adriele da Silva Braga	
Fernanda dos Santos Mendes	
Iury Antônio Oliveira Sá	
Rosilene Côrrea dos Santos Mendes	
Valmir Samuel Farias	
Maristela Carbol	
Fernanda Vieira Rodovalho Callegari	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64119100724</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>228</b>
LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO SEXUAL ADOLESCER: ESPAÇO DE TROCA DE EXPERIÊNCIAS	
Giseli Monteiro Gagliotto	
Franciele Lorenzi	
Franciéle Trichez Menin	
Gisele Arendt Pimentel	
Eritânia Silmara de Brittos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64119100725</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>235</b>
AQUISIÇÃO DAS PRIMEIRAS FORMAS DA LINGUAGEM INFANTIL	
Givaldo Carlos Candrinho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64119100726</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>239</b>

## UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE TEATRO NA EDUCAÇÃO E A PROBLEMÁTICA DA INDÚSTRIA CULTURAL E DA SEMIFORMAÇÃO NAS PESQUISAS

### **Leonardo Augusto Madureira de Castro**

Mestre em Educação (UFMS)

Licenciado em Artes Cênicas (UEMS)

Professor efetivo da rede municipal de Ensino (SEMED/CG), Artista Cênico e Pesquisador

Campo Grande - Mato Grosso do Sul

### **Isabella Fernanda Ferreira**

Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Doutora em Educação pela UNESP/Araraquara

Docente Permanente do programa de Pós-graduação em Educação da UFMS/CPAN

Docente Colaboradora no Programa de Pós-graduação em Educação da UFMS/FAED

Uma das fundadoras e também coordenadora na Rede Nacional/Internacional de Pesquisa “NEXOS Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar” dividida pelas cinco regiões do País

Líder do “NEXOS Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar – Centro-Oeste/Norte”

Membro como pesquisadora do Consórcio Internacional de Programas de Teoria Crítica organizado pela Filósofa Judith Butler:

<http://directory.criticaltheoryconsortium.org/organizations/nexos-critical-theory-and-interdisciplinary-research/>

Corumbá – Mato Grosso do Sul

**RESUMO:** Desenvolvemos neste artigo uma pesquisa qualitativa de revisão de literatura sobre o teatro desenvolvido nas escolas e a concepção que as professoras de arte têm sobre

esta área artística. Buscar-se-á uma análise desses trabalhos levantados por meio das categorias e conceitos desenvolvidos pela teoria crítica. Foram selecionados dezenove textos. Esta revisão de literatura foi feita buscando textos desde 1996 tendo como base a LDBN 96, lei que torna a disciplina “Artes” obrigatória na escola através das ferramentas de pesquisa da CAPES, da ANPEd e da SCIELO.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teatro; Educação; Arte; Teoria Crítica; Revisão de Literatura.

### A REVIEW OF LITERATURE ON THEATER IN EDUCATION: ANALYSIS BY CRITICAL THEORY

**ABSTRACT:** We have developed in this article a qualitative research of literature review on the theater developed in the schools and the conception that the teachers of art have on this artistic area. We will look for an analysis of these works raised through the categories and concepts developed by the critical theory. Nineteen texts were selected. This literature review was made searching for texts since 1996 based on LDBN 96, a law that makes the “Arts” discipline compulsory in the school through the research tools of CAPES, ANPEd and SCIELO.

**KEYWORDS:** Theater. Education. Art. Critical Theory. Literature review.

## 1 | INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa qualitativa de revisão de literatura temos como tema os estudos práticos e teóricos sobre as produções teatrais desenvolvidas e planejadas para o ambiente escolar. Tal pesquisa é uma forma de nos aproximarmos das produções acadêmicas da área a fim de analisar seu conteúdo por meio das categorias de análise desenvolvidas pelos autores da Teoria Crítica com a finalidade de compreender a importância de tais pesquisas para a área das Artes Cênicas e dos estudos sociológicos sobre a concepção que professores de Arte possuem em relação ao teatro produzido na escola. Trabalhamos com três importantes bancos de teses e dissertações, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e na Scientific Electronic Library Online (SCIELO) respectivamente, tendo como a LDBN 96, marco legal das conquistas da área na educação, nossa referência de periodicidade, posto que foi a partir desta lei que a disciplina Arte se tornou obrigatória na escola.

Utilizamos as palavras-chaves “Teatro”, “Professores”, “Teoria Crítica”, “Ensino” e “Educação”, que combinadas entre si, serviram-nos como ponto de partida para este trabalho de levantamento da produção bibliográfica sobre o tema. Obtemos no total de 149 resultados pela CAPES, 77 na ANPEd, e 119 da SCIELO. De todos estes trabalhos foram retirados apenas 13 artigos para serem analisados. Os outros registros continham temas generalizados entre teatro e práticas do teatro que não se relacionavam com experiências dentro de ambientes escolares sendo que estes 13 constam estudos e experiências específicas que envolvem o teatro dentro do ambiente escolar.

Neste trabalho veremos os textos de Japiassu (1998); Silveira (2007); André (2008); Menegheti e Bueno (2010); Oliveira e Stoltz (2010); Rampaso et al (2011); Oliveira (2012); Junior (2013); Souza (2006); Sabino (2015); Novakoski (2015); Pereira (2015) e Caon (2015).

## 2 | ANÁLISE DO TEATRO NA ESCOLA SOB A PERSPECTIVA DA INDÚSTRIA CULTURAL

As mercadorias culturais da indústria se orientam, como disseram Brecht e Suhrkamp há já trinta anos, segundo o princípio de sua comercialização e não segundo seu próprio conteúdo e sua figuração adequada. Toda a práxis da indústria cultural transfere, sem mais, a motivação do lucro às criações espirituais. A partir do momento em que essas mercadorias asseguram a vida de seus produtores no mercado, elas já estão contaminadas por essa motivação. (ADORNO, 1987, p. 288)

Adorno (1987), ao tratar da indústria cultural, busca uma compreensão social aos processos de mecanização dos sujeitos, bem como da fetichização de seus corpos e ideologias. Tais processos, como podemos ver na descrição acima, têm a ver com o mercado capitalista e suas consequências. Estes processos também estão

presentes na educação, uma vez que toda a indústria cultural, como o autor explica, refere-se também às criações do espírito, ou seja, da cultura.

Alguns trabalhos direcionaram a atenção a experiências na sala de aula por professores que buscam no teatro, um catalisador do conteúdo, unindo seus projetos a tal expressão. Os trabalhos citados assumem o desenvolvimento de suas produções culturais através da instrumentalização do teatro, ou seja, sua utilização com outros fins que não o desenvolvimento da arte teatral. Tal instrumentalização se dá pela percepção do teatro como catalizador para outros objetivos, ação comum em nossa sociedade industrial, acostumada a agregar funções econômicas e desviar objetivos intrínsecos da arte para focar a comercialização, tanto econômica quanto de ideias.

Em “Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky”, Oliveira e Stoltz (2010) unem possibilidades de trabalho com atividades teatrais fundamentadas em ideias a respeito da relação entre o ser humano e a sociedade. As autoras trazem informações sobre os estudos do teórico ligados ao desenvolvimento intra e suprapessoal das crianças, começando pela fala, que leva ao entendimento da cultura em que elas se inserem, definindo o seu comportamento e o seu conhecimento. Se a cultura das crianças se baseia em uma sociedade sob a égide da indústria cultural, logo sua formação será também afetada.

Segundo as autoras, o professor desempenha papel fundamental em proporcionar um ambiente educativo em que o aluno busque o conhecimento partindo de sua própria vontade e da sua curiosidade. Mas não é possível para o aluno, por exemplo, se desvincular da indústria cultural, que estão presentes em todos os impulsos da formação de nossa sociedade.

O autor discorre sobre dois tipos de impulsos na conduta humana (VYGOTSKY, 1930/2008). Ao primeiro denominou reprodutor. Estreitamente ligado à memória, possibilita ao ser humano reproduzir condutas e normas e reviver impressões de experiências passadas. Ao segundo tipo de impulso, chamou de criador, pelo qual o homem é capaz de criar algo novo a partir de combinações e reelaborações de experiências anteriores. (OLIVEIRA & STOLTZ, 2010, p. 82-83).

Com isso, segundo as autoras, o que é vivido em sociedade transforma e amadurece a criança e o adolescente. “O processo depende das relações sociais, do desenvolvimento cultural do meio e das atividades de trabalho das crianças e adolescentes.” (OLIVEIRA & STOLTZ, 2010, p. 83). Vygotsky acredita que a arte surgiu como uma forma de luta e resistência frente à lida diária do trabalho coletivo e pesado, garantindo a existência do ser social e cultural. O texto também menciona o papel de construtor de sentido da realidade desenvolvido pela arte, bem como a necessidade de entendimento das contradições reais da sociedade, mas e se a própria realidade for controlada? Talvez os sentidos também o sejam.

O teatro é visto pelas autoras como o grande motivador do desenvolvimento em todas as instâncias humanas, à medida que trabalha os sentidos do ser humano e que estuda a si mesmo e a sociedade em que se insere, identificando verdades por trás das ações e falas das personagens. Para as autoras, essa percepção auxilia o

adolescente e a criança a desenvolverem seu olhar, formando pessoas mais críticas frente às diversidades. Para Oliveira e Stoltz, o teatro na escola não tem função estética ou pedagógica, mas construtiva e transformadora, se pensarmos em questões de amadurecimento social.

Na escola, o teatro pode oferecer um amplo espectro de situações e oportunidades de aprendizagem e conhecimento. [...] No teatro a palavra é, de certa forma, manipulada em relação ao sentido e associada a imagens. [...] No teatro, desvela-se a informação da voz, do corpo, do gesto, da ação, da emoção do ator. É necessário que tanto o ator como o público aprendam a organizar logicamente todas essas informações para compreenderem o significado do espetáculo teatral e para se comunicarem entre si. (OLIVEIRA & STOLTZ, 2010, p. 87).

Apesar de olhar o teatro com boas intenções, a base das autoras se mantém sobre a indústria cultural em que as crianças são aprisionadas ao se apresentar com um teatro que serve para o desenvolvimento da comunicação dos estudantes. Conhecer essa base é entender como as crianças se desenvolvem também de forma utilitarista.

“Teatro de fantoche como estratégia de ensino: relato da vivência”, de Rampaso et al. (2011), desvela um olhar de graduandas em enfermagem que desenvolveram uma vivência para a promoção da saúde bucal de crianças. O seu objetivo foi montar um projeto para uma disciplina de sua graduação, aliando a teoria estudada à prática teatral. As autoras inserem uma definição sobre ação lúdica do filósofo Johan Huizaga:

[...] existem quatro elementos em uma ação lúdica: a) é livre; b) têm objetivos e regras próprias; c) tem uma limitação de tempo e de espaço e é jogado até o fim dentro desses limites; d) é uma evasão temporária da vida real para uma atividade temporária. (RAMPASO et al, 2011, p. 784)

Essa definição explicita o ensino lúdico de qualquer temática e assunto para crianças de qualquer idade. Para esse experimento, os proponentes da ação ensaiaram uma peça explicando os benefícios da higiene bucal.

Interagindo ludicamente com o mundo real, a criança estabelece uma harmonia e sintonia entre seus dois mundos, onde então acontece o aprendizado. Andraus refere que a dramatização e o teatro de fantoches é mais eficaz do que exposição dialogada e demonstração. (SILVA et.al, 2011, p. 784)

Segundo eles, evidenciou-se a importância do aprendizado lúdico, a relevância de um professor condutor de tais ações e a necessidade do abandono da condição passiva da educação bancária para uma educação ativa e interdisciplinar. Quando o artigo traz a ideia de “eficácia” do teatro, o coloca sob uma perspectiva da indústria cultural, posto que seu objetivo é o resultado, e não os processos de aprendizagem artística e teatral.

Em “Drama na Disciplina de História: O Passado no Presente”, Novakoski (2015) cita duas ações voltadas ao teatro, em específico ao gênero dramático e a disciplina de história. Destacam-se as características do *drama*, no que diz respeito à interação social, formas de expressão e meios de comunicação e as estratégias, que envolveram trabalhos em grupo, negociação, contextos ficcionais, pré-textos,

elementos de tensão, improvisação e o professor no papel das personagens.

Fines (2002) comenta sobre o potencial do drama na disciplina de história, afirmando que: em primeiro lugar permite ver um contexto da História como uma área em grande parte desconhecida, na qual é preciso experimentar para encontrar formas de entendimento [...]; em segundo lugar, altera o contexto da História do ritmo certo (afasta do barulho do livro didático, proporciona um tempo real para a experimentação); em terceiro lugar, lida com questões em que a busca da motivação humana e da avaliação de significância são claramente os principais constituintes da aprendizagem [...]. (NOVAKOSKI, 2015, p. 149)

Vemos neste excerto mais um exemplo do teatro servindo de apoio para o desenvolvimento de outra área do conhecimento, característica típica da indústria cultural que altera os sentidos da arte teatral.

### 3 | ANÁLISE DO TEATRO NA ESCOLA SOB A PERSPECTIVA DA SEMIFORMAÇÃO

Símbolo de uma consciência que renunciou à autodeterminação, prende-se, de maneira obstinada, a elementos culturais aprovados. Sob seu malefício gravitam como algo decomposto que se orienta à barbárie.

Isso tudo não encontra explicação a partir do que tem acontecido ultimamente, nem, certamente, como expressão típica da sociedade de massas, que, aliás, nada consegue explicar mesmo, apenas assinala um ponto cego ao qual deveria se aplicar o trabalho do conhecimento. Apesar de toda ilustração e de toda informação que se difunde (e até mesmo com sua ajuda) a semiformação passou a ser a forma dominante da consciência atual, o que exige uma teoria que seja abrangente.

Para esta teoria, a idéia de cultura não pode ser sagrada — o que a reforçaria como semiformação —, pois a formação nada mais é que a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva. Porém a cultura tem um duplo caráter: remete à sociedade e intermedia esta e a semiformação. Na linguagem alemã de hoje se entende por cultura, em oposição cada vez mais direta à práxis, a cultura do espírito. Isto bem demonstra que não se conseguiu a emancipação completa da burguesia ou que esta apenas foi atingida até certo ponto, pois já não se pode pensar que a sociedade burguesa represente a humanidade. (ADORNO, 2005, p. 02)

A indústria cultural, em sua dominação, afeta diretamente a formação dos seres, levando-os a se manterem dominados pelo sistema industrial capitalista, o que configura um pensamento limitado.

O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitçadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. [...] o industrialismo coisifica as almas. [...] A partir do momento em que as mercadorias, com o fim do livre intercâmbio, perderam todas suas qualidades econômicas salvo seu caráter de fetiche, este se espalhou como uma paralisia sobre a vida da sociedade em todos os seus aspectos. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 34)

Essa paralisia cultural semiforma o sujeito, ou seja, o mantém acreditando estar inserido em um controle social sem perceber ser ele o controlado. E isso ocorre dentro da cultura, com o mesmo fenômeno causado pela indústria cultural vista anteriormente.

Como indústria cultural, o que se instala como “cultural” remete à sociedade copiando a si própria, perenizando-a ao orientar-se pela interpretação retroativa da sociedade já feita. Neste sentido, “cultura” é a sociedade como ideologia. Mas, ao ser sociedade neste sentido ideológico, de reconstrução integrada dela mesma, sem as arestas das contradições que perfazem a dialética do social vivo – como dialética “congelada” – a cultura mediatiza entre a sociedade e a semiformação. As condições da produção material existentes impõem esta forma cultural-ideológica e são refletidas na semiformação. Esta é uma formação social determinada, sujeitada no curso da formação social destas formas determinadas de produção e de formação, a sociedade, cuja forma dominante de consciência será doravante a semiformação. (MAAR, 2003, p. 468-469)

Vejamos agora, os textos que apresentam sinais de semiformação em relação às práticas e possibilidades do teatro.

Em “Encontros possíveis: experiências com jogos teatrais no ensino de ciências”, Oliveira (2012) baseia-se em Deleuze para buscar uma interação do teatro com a matéria de Ciências.

É preciso assumir que o que se faz aqui não é nenhuma coisa nem outra, embora se refira a ambos os campos. [...] De um lado, um campo de ação cultural, marcado pela criação, pela transgressão, pelo movimento, pelo jogo (GUÉNOUN, 2004; COELHO, 2001). De outro, uma disciplina, um conjunto de práticas discursivas pedagógicas e científicas, livros didáticos, laboratórios, professoras e professores, alunos e alunas, lista de conteúdos, parâmetros curriculares. (OLIVEIRA, 2012, p. 560)

Para o seu projeto, o professor trabalhou com jogos, em que os alunos se estimulavam imagética e corporeamente, relatando sobre a experiência e demonstrando teoricamente como o jogo influenciava a dinâmica do grupo, não na representação da matéria científica escolhida pelos alunos, mas como a própria definição da matéria. Depois o autor trabalhou os textos que seriam integrados à cena pretendida. Apesar dos resultados positivos, atribui-se ao teatro uma função pedagógica, não artística, misturando as ideias, mesmo que teoricamente não se deseje tal resultado, semiformando os alunos em relação ao teatro.

No relato de experiência “Ação e aprendizagem: o teatro como facilitador da socialização na escola”, Menegheti e Bueno (2010) descrevem seu trabalho com crianças em oficinas de teatro, objetivando a sua socialização. No próprio título, vemos a semiformação do aprendizado teatral. Como resultado, os pesquisadores evidenciam as percepções dos professores das crianças que praticaram as propostas cênicas, que também testemunham encontrar melhoras na escrita, no comportamento e na concentração.

Vygotsky utilizou-se do teatro como facilitador para a aprendizagem de conceitos, nas crianças. Ele elaborou a concepção de Zona de Desenvolvimento Proximal, que advoga que o comportamento humano é precedido de potencialidades para seu crescimento e desenvolvimento, tendo o adulto e o meio social a importância de balizarem este fenômeno, servindo de “andaimes” conceituais para que o processo de aquisição das competências cognitivas das crianças seja possível. (MENEGETI & BUENO, 2010, p. 188)

Constatamos assim o teatro como instrumento de processos de ensino e

aprendizagem.

“Desvelando Corpos na Escola: experiências corporais e estéticas no convívio com crianças, adolescentes e professores” relata as experiências vivenciadas por grupos com a interação de diferentes situações do contexto escolar. O texto aborda o entendimento de corpo e movimento como processo intrínseco da formação do repertório técnico corporal do aluno-artista e da experiência realizada em sala de aula pela professora-artista. Outra questão é a elaboração da corporalidade como forma de criação do sujeito autônomo em relação às suas correntes culturais. Para isso, a autora levanta o conceito de “corpo-pessoa”:

O corpo-pessoa, tanto do professor como dos estudantes, é atravessado pelas histórias culturais. A pessoa é singular e cultural a um só tempo. [...] Hannah Arendt (1979) manifesta essa percepção, em outros termos, em outro momento histórico, no célebre trecho em que afirma que a educação é o ponto em que decidimos (as gerações de adultos) se amamos suficientemente os novos (novas gerações) a ponto de abandoná-los à mercê de sua própria singularidade ou de nos responsabilizarmos por apresentar e manter o mundo que continuamente recriamos a eles. (CAON, 2015, p. 237)

Tal texto nos leva a questionar sobre essa responsabilidade da educação das novas gerações que cai sobre as gerações de adultos que cresceram em um mundo que por si só, mantém a visão industrializada da arte, do corpo, do ser, da pessoa. Fato este que nos leva a entender que o corpo-pessoa é semiformado pela sociedade e manifesta esta semiformação inclusive na difusão das correntes culturais aos quais são expostos.

Japiassu (1998), em “Jogos teatrais na escola pública”, expõe resultados parciais de uma pesquisa etnográfica, que acompanha aspectos do desenvolvimento cultural de pré-adolescentes com a expressão teatral em classe multisseriada, através do ensino regular de Teatro. Segundo o autor, a prática teatral contribui para a conscientização de novas possibilidades na palavra discursiva.

Para Vygotsky o processo de formação de conceitos estava enraizado no uso das palavras porque elas adquiriam significados diferentes nos estágios sucessivos do desenvolvimento e funcionamento mental do ser humano. Para ele só formas qualitativamente superiores de pensamento permitiam o uso da palavra transcendendo sua referência objetual. A referência objetual diz respeito à função “denotativa” ou “referencial” da palavra, ao seu papel designativo [...]. (JAPIASSU, 1998, p. 5)

Ao citar Vygotsky entendemos também que a pesquisa se baseia nos estudos dos estágios da formação humana, sendo que estes estão todos afetados por processos sociais, incluindo a própria escola pública enquanto semiformadora.

#### **4 | UMA VISÃO MAIS ESCLARECIDA**

Vejamos agora alguns autores que buscaram, de certa forma, não cair nas malhas da indústria cultural e da conseqüente semiformação, tratando dialeticamente



as possibilidades do teatro e da arte dentro da escola.

Em “Um palco para o conto de fadas: uma experiência teatral com crianças na educação infantil”, Souza (2006) discorre sobre experiências adquiridas ao tratar da aplicabilidade do teatro no universo da educação infantil. O autor traz à tona discussões sobre a instrumentalização do teatro com Ernst Fischer, que trata da arte como necessidade para se sobreviver à sociedade automatizada, capitalista e, por muitas vezes, desumana.

Começamos a tarefa com Ernst Fischer a partir de sua obra “A Necessidade da Arte”, tentando delinear o efeito da Arte na Educação Infantil a partir da compreensão de sua natureza, de sua gênese e da ação por ela exercida na construção de uma consciência estética que faça a criança se apropriar de seus meios criativos para compreender os processos que regem o mundo [...].

Para tanto, podemos utilizar a visão de Fischer que teoriza sobre a necessidade da arte a partir da idéia de uma raiz comum da qual se originaram a ciência, a religião e a própria arte: a manifestação de uma forma primitiva de magia no cotidiano cultural do homem primitivo com o intuito de tentar dominar o mundo real inexplorado. (SOUZA, 2006, p. 2, grifo do autor.)

Souza (2006) baseia-se em Fischer para expor o entendimento da criação mágica do ser humano ancestral para se distanciar e buscar compreender a natureza. De posse dessas ideias, a criança seria capaz de vivenciar seu mundo com um pensamento crítico e renovador para, inclusive, inserir-se na sociedade como tal compreendendo sua cultura industrializada e assim, buscar se emancipar deles.

Na tese de doutorado “Drama na educação infantil: experimentos teatrais com crianças de 02 a 06 anos”, Pereira (2015) cita a experiência de tal gênero para a construção pedagógica de seus alunos, em um processo que entende o teatro como necessário para tal por simplesmente ser teatro. Segue ainda retratando as necessidades de conhecimento por parte do professor para entender esse processo, a fim de conferir evidências sobre a proximidade entre o drama e o trabalho pedagógico.

Penso que o professor possa sim enriquecer o jogo dramático infantil com materiais teatrais e que se de uma proposta de experimentação lúdica resultar uma experiência passível de ser compartilhada com outras crianças e pessoas, que seja feita, respeitando os limites e desejos da própria criança. Para tanto, esse profissional necessita de uma formação à linguagem teatral que o leve a percepção de que o teatro enquanto produto artístico encontra-se em um “terreno” diferente do teatro como atividade pedagógica e que as experiências contemporâneas na área teatral tem buscado romper com as convenções tradicionais de ator e plateia, palco e público, da ênfase em um texto a ser apresentado, entre outros aspectos. (PEREIRA, 2015, p. 78-79)

No artigo “Hífens e ênfases: entre arte, escola e professor”, Sabino (2015) introduz o conceito de “ecótono”, ou seja, uma zona de passagem entre um bioma e outro, um “entremeio”, para estudar as possibilidades entre arte e educação. Não entende o conceito de arte-educação como uma coisa ou outra, mas sim uma nova forma de pensar os dois universos.

Facilmente a arte é destituída de si para servir como ferramenta, ser recheada de

conteúdos e perder o que é o seu próprio – a invenção, um tipo de pensamento que difere das funções (pensamento científico) e dos conceitos (pensamento filosófico) e opera no sensível. Pensar a arte como um bioma próprio e a educação como outro pode nos permitir que uma não seja subjugada à outra. (SABINO, 2015, p. 2)

A pesquisadora propõe uma maneira de não levarmos a arte para a sala de aula com um simples propósito teórico, ocasionando uma pedagogização da Arte, e também não levando obras de arte e as colocando em um pedestal inalcançável, sem proporcionar a chance da experiência, ou seja, “[...] não se trata de querer manter uma suposta autonomia da arte na escola ou pedagogizar a arte para caber na educação.” (SABINO, 2015, p. 3).

A escola como ecótono se insere no regime do pensamento que Félix Guattari denomina *ecosofia* - conjunto dos três registros ecológicos (relações, sociais, meio ambiente e subjetividades humanas) que compõe o meio ambiente natural das nossas sociedades, cujo funcionamento opera, de princípio, por uma outra lógica que não a dos paradigmas pseudocientíficos que trata muito bem de limitar os seus objetos, mas sim por intensidades e processos, oposto termo a termo à ideia de estrutura ou sistema. (SABINO, 2015, p. 3)

Para melhor compreensão dos conceitos, a autora convida-nos a pensar a escola como um lugar de passagem entre arte e educação nas aulas de Arte. “A arte como elemento pulsante do pensamento opera em conjunto com o cotidiano banalizado, [...] a fim de provocar vida ali onde parecia haver nada [...]” (SABINO, 2015, p. 5), levando o aluno a uma reinvenção diária de seu conhecimento. Para isso, são essenciais a presença e a intervenção do arte educador. Este é o outro conceito abordado pela autora, ao citar o artista-professor-pesquisador-intelectual Ricardo Basbaum, tendo em vista o hibridismo característico da contemporaneidade [...] inventa um novo termo: “artistas-etc” (SABINO, 2015, p. 11). O professor garante a experiência, mas é a qualidade da entrega do aluno à experiência que o aproxima da Arte.

Este professor, portanto, leva consigo “a lição emancipadora do artista, oposta termo a termo da lição embrutecedora do professor, é a de que cada um de nós é artista, na medida em que adota dois procedimentos: não se contentar em ser homem de um ofício, mas pretender fazer de todo o trabalho um meio de expressão; não se contentar em sentir, mas buscar partilhá-lo.” (SABINO, 2015, p. 12)

A partilha deve ser encontrada em toda e qualquer experiência do cotidiano escolar, segundo a autora, o que nos faz olhar a escola como um campo de experiências.

Em “Sobre o sentido das práticas do teatro no meio escolar”, Santos (2007) vai ao encontro de uma das inquietações deste trabalho:

Na nossa realidade escolar é comum observar-se a prática do teatro voltada à “preparação” de montagens ilustrativas de momentos de culminância das unidades do plano de ensino a serem apresentadas nos eventos comemorativos da comunidade escolar. (SANTOS, 2007, p.7)

E ainda há outra discussão que caminha para esse mesmo sentido: “Outra forma observada no meio escolar consiste no uso do Teatro como um recurso didático, ou seja, a prática do teatro relacionada à aprendizagem de outras disciplinas do conhecimento.” (SANTOS, 2007, p. 8).

A autora, após discorrer sobre os processos percorridos por ela mesma, buscando na prática teatral ligações com a teoria proposta para o teatro na escola e pela pesquisa teórica de vários autores, conclui que tal expressão ainda está em desenvolvimento nas escolas brasileiras e que ainda lhe resta muito para ser, de fato, vista como viés da cultura humana com influência autônoma.

A perspectiva de teatro como conhecimento aliado ao processo de desenvolvimento do sujeito tem significado oposição veemente às concepções positivistas, mas nem por isso o teatro garante o seu espaço como disciplina no meio escolar. A mencionada inclusão (Lei 5692/71) deu-se apenas de direito, mas, de fato, ainda está longe de ocorrer [...]. (SANTOS, 2007, p. 12)

Em “Caminhos percorridos por uma pesquisa com o teatro na escola... aprendendo a aprender e a interagir com o outro”, Silveira (2007) visa a identificar os mecanismos que desencadeiam o aprendizado nos jogos teatrais propostos por uma professora de teatro de uma escola particular. Silveira esclarece o que estamos também nos propondo a discutir: “[...] Lutamos para mostrar que a arte tem um fim em si mesma, seu ensino na escola tem objetivo específico [...]” (SILVEIRA, 2007, p. 04) e, para finalizar, a autora deixa a mensagem da necessidade de os jogos teatrais “encharcarem” de realidade seus alunos, para que construam sua crítica cotidiana e transformem as suas vidas e as vidas das pessoas ao seu redor.

Outro artigo pertinente sobre a docência e a formação do professor é “Reflexões acerca do estágio curricular na formação do professor licenciado em teatro”, em que o doutor em linguística Junior (2013) nos aproxima da formação do professor de teatro configurando a escola como espaço possível das mais diversas ações teatrais, aproximando o aluno da cultura teatral e aumentando a sua visibilidade, o que, conseqüentemente eleva a formação cultural tanto do aluno quanto do ambiente em que se insere e que transforma.

Mas também o autor explica que o *modus operandi* do ensino do teatro na escola já leva, ao futuro professor, inúmeras dificuldades que ainda não foram solucionadas em sua totalidade e tendem a não ser, pelo menos por muito tempo ainda, na história do teatro em sala de aula. Segundo o autor, pelo menos quatro dificuldades são impostas ao futuro professor:

A primeira delas [...] relaciona-se à formação do docente para ministrar estes conteúdos artísticos na disciplina Arte. [...]

A segunda dificuldade seria a compreensão de quais são os objetivos específicos do ensino de Arte na Educação Básica para cada linguagem. A terceira relaciona-se à distribuição ao longo da formação do aluno, na matriz curricular, da disciplina Arte, para que os objetivos propostos sejam atendidos. A quarta dificuldade são as condições materiais e espaciais para a realização adequada do ensino de Arte na escola. (JUNIOR. 2013, p. 45-6)

Segundo Junior (2013), o Teatro sofre tamanha confusão em seus objetivos e funções na escola também por uma questão histórica. Com a chegada dos jesuítas, o teatro era grande foco para a propagação da catequese, porém, com a sua expulsão

pelo Marques de Pombal, deu-se início a uma deterioração do teatro no ambiente escolar. Seu retorno mais específico veio somente após o século XX, com o movimento escolanovista. Mesmo assim, os futuros professores de teatro daquela época ainda tenderiam a enfrentar uma disciplina chamada Arte, portanto, polivalente, híbrida. Com isso, iniciariam as dificuldades.

Não obstante os pequenos avanços na legislação na garantia do ensino (efetivo) de Teatro nas escolas, na maioria delas, a lógica polivalente ainda persiste impregnada no dia a dia do professor. [...] Como resultado, temos: produção didática sem reflexão, sem profundidade, em compartimentos que não dialogam. (JUNIOR, 2013, p. 50)

Seguindo a perspectiva do autor, “não há profissionais (em formação) capazes de atender às demandas imaginadas pelas secretarias de educação.” (JUNIOR, 2013, p. 51). Aliado a isso, o autor menciona a desimportância do teatro na sociedade, o que faz com que poucas políticas de incentivo sejam vigoradas. O teatro em si é pouco reconhecido e solicitado socialmente, perdendo espaço para outras formações culturais e econômicas, levando-nos a perceber que “não é incomum, no dia a dia da escola, se escutar de um grande grupo de famílias, que preferiam que seus filhos optem por profissões reconhecidas como médicos, engenheiros, mas não artistas.” (JUNIOR, 2013, p. 52)

O autor também demonstra as dificuldades que o ensino do teatro é também alvo de outros professores e do corpo administrativo da escola, ainda mais em um contexto contemporâneo, que trata abertamente de questões inimagináveis anos atrás para serem discutidas em sala de aula.

A Pedagogia do Teatro tem como referência teorias contemporâneas de estudos críticos-culturais como o desconstrutivismo, o feminismo e o pós-modernismo. Nesse tipo de teatro, educadores e alunos empregam convenções que desafiam, resistem e desmantelam sistemas de privilégio criados pelos discursos dominantes e práticas discursivas da moderna cultura do ocidente. (KOUDELA e SANTANA apud JUNIOR, 2013, p. 60)

Com o texto citado, constatamos o valor da necessidade de um estágio sério e investigativo nos cursos de formação, dando oportunidade para que o futuro professor esteja ainda mais próximo de seus alunos e de suas investigações artísticas.

Ainda se tratando das investigações da arte e da educação no contexto contemporâneo e da prática do teatro na escola, temos “Espaço inventado: o teatro pós-dramático na escola”, artigo em que André (2008) aproxima o cenário artístico da sua formulação e investigação em sala de aula, voltando-se para

[...] o cuidado de não tornar a atividade artística uma disciplina escolar, sistematizada nos mesmos moldes que os programas de ensino já existentes, e embasados em modelos da ciência, pois, dessa maneira, a tendência é desvirtuar os conhecimentos específicos da arte. (ANDRÉ, 2008, p. 126)

A partir de uma possibilidade investigativa, a obra artística resultante não pode ser engessada; permanecerá em constante construção, levando os alunos a um resultado que não objetiva um produto acabado, mas uma experiência criativa. Tal

ideia surge quando André divulga o pensamento do artista plástico Hélio Oiticica, que “escreveu, certa vez, que a função do artista não é a de criador das coisas, posto que elas já estão aí, mas que a função da arte é a de mudar o valor das coisas.” (ANDRÉ, 2008, p. 127). A autora investiga o que é vital na arte, em seu papel na educação, trazendo o conceito de vitalidade de Teixeira Coelho:

Para Teixeira Coelho, a arte é vital para os indivíduos quando “procura e viabiliza o êxtase, o sair para fora de si, sair do contexto em que se está para ver outra coisa, para ver melhor, para ver além, para enxergar sobre, acima, por cima, para ver por dentro” (COELHO 2001, p. 28-28). Nesse sentido, o “êxtase” é a experiência que possibilita a transformação do sujeito e do mundo a partir de um efeito de distanciamento. Tal experiência é fundamental porque ajuda a reescrever conceitos, representações da realidade e identidades. (ANDRÉ, 2008, p.127)

Indo ao encontro dos pensamentos de Coelho e do teórico Hans-Thyges Lehmann, é preciso criar um contexto de “interrupção” do cotidiano, agregando-lhe um caráter de estranhamento, de distanciamento e de êxtase, o que obriga os seus espectadores, como por exemplo, os alunos, a repensarem o cotidiano.

Daí, pode-se dizer que, sem a presença da arte em seu cotidiano, os sujeitos perdem um privilegiado espaço, na vida cultural, para exercitar a transformação e o estranhamento de si e do mundo. Nesse sentido, o sujeito privado da experiência com a arte é um sujeito que se aterroriza com as mudanças e com as diferenças [...]. (ANDRÉ, 2008, p.128)

O autor dedica-se a entender que é vital que a Arte toque na escola, para que ela não morra, retratando um contexto de violência, de desrespeito, desvalorização e destruição da Arte nas escolas paulistas.

Do ponto de vista dessa cultura que fura a rede de vigilância, interpreta-se a violência na escola como efeito de uma “maneira de fazer” que explicita o mal-estar de um corpo assujeitado e hiperexposto pelas redes de vigilância [...].

Ao se querer que a educação escolar torne-se algo vivo e positivo para todos, luta-se para que todos os indivíduos aí presentes percebam a necessidade de se desarmar a rede da vigilância, conquistar espaços livres, para que eles mesmos não desapareçam como sujeitos de si e do mundo. (ANDRÉ, 2008, p.132)

Para o teatro pós-dramático, provocar a invenção desses espaços livres é defendido pelo autor como uma postura específica para levar “o público a estranhar os discursos e os modos como a mídia conduz o indivíduo a comportar-se como massa.” (ANDRÉ, 2008, p. 133). Os indivíduos são todos aqueles que dela participam, criando um ambiente de constante transformação, sem “verdades absolutas”, mas com verdades que se transformam de acordo com a discussão gerada por seus agentes.

Nessa perspectiva educativa, não há sentido em ensinar o “como se faz”, técnicas do “fazer” teatro; ao contrário, suas formas afloram no bojo das necessidades e da falta de algo que surge entre os sujeitos no processo de ensino/aprendizagem. Sabe-se que tais necessidades não aparecem ao acaso, mas que precisam ser provocadas para sair do silêncio. Isso que dizer que o modo e a maneira de atuar do professor são de fundamental importância. A ação de sua docência é aquilo que provoca, pois é ela que funcionará, em primeira instância, como “interrupção”. (ANDRÉ, 2008, p. 134)

E como essa interrupção é dada? Segundo o autor, provocando um “efeito surpresa”, (ANDRÉ, 2008, p. 138) que transforma a ação em estranhamento. Esse estranhamento é levado em consideração justamente por ser diferente daquilo a que se está habituado, e que deve ser estrategicamente pensado para ser funcional.

## 5 | CONCLUSÕES PARA UMA CONTRIBUIÇÃO AO CONHECIMENTO SOCIOLÓGICO E ARTÍSTICO

Os discursos de todos os pesquisadores em Artes Cênicas e em Artes em geral são muito aproximados, no posicionamento da politização da arte e do teatro como força transformadora e geradora de autonomia, da necessidade da arte nas escolas e das diferentes possibilidades de crescimento que o teatro confere à educação, mesmo com linhas de pesquisa tão diferenciadas.

Este levantamento levou-nos à compreensão da importância da pesquisa teórica ser também analisada pela teoria crítica, uma vez que as ações da sociedade industrial também precisam ser percebidas nos âmbitos acadêmicos ampliando a visão sobre o objeto teatro, escola e educação.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **A indústria cultural**. In: COHN, Gabriel (org.). *Comunicação e indústria cultural*. 5. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, p. 287-295, 1987.

\_\_\_\_\_. **Teoria da semicultura**. 1959. Primeira versão. Ano IV, Nº191. AGOSTO - Porto Velho, 2005. Volume XIII. Maio/Agosto.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. 1985.

ANDRÉ, C. M. **Espaço inventado: o teatro pós-dramático na escola**. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 48, p. 125-141, UNESP, 2008.

CAON, P. M. **Desvelando Corpos na Escola: experiências corporais e estéticas no convívio com crianças, adolescentes e professores**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. USP. São Paulo. 2015.

JAPIASSU, R. O. V. **Jogos teatrais na escola pública**. USP. 1998.

JUNIOR, J. S. A. **Reflexões acerca do estágio curricular na formação do professor licenciado em teatro**. Educação em Revista. Belo Horizonte, v. 29, n. 02, p. 43-64, UFFS. 2013.

MAAR, W. L. **Adorno, semiformação e educação**. Educ. Soc., Campinas, vol. 24, n. 83, p. 459-476, agosto 2003. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/es/v24n83/a08v2483.pdf>>. Acesso em 18 jan. 2019.

MENEGHETI, M.; BUENO, C. M. L. B. **Ação e aprendizagem: o teatro como facilitador da socialização na escola**. Fractal: Revista de Psicologia, v.22 – n.1, p. 187-204, 2010.

NOVAKOSKI, M. R. **Drama na disciplina de História: o passado no presente.** Dissertação (mestrado) – UESC, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Teatro, Florianópolis, 2015.

OLIVEIRA, M. E. de; STOLTZ, T. **Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky.** Educar, Curitiba, n. 36, p. 77-93, Editora UFPR. 2010.

OLIVEIRA, T. R. M. **Encontros possíveis: experiências com jogos teatrais no ensino de ciências.** Ciênc. educ. (Bauru). 2012, vol.18, n.3, pp.559-573.

PEREIRA, D. M. **Drama na educação infantil: experimentos teatrais com crianças de 02 à 06 anos.** / Tese (Doutorado) - UESC, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Teatro, Florianópolis, 2015.

RAMPASO, D. A. L. et al. **Teatro de fantoche como estratégia de ensino: relato da vivência.** Rev. bras. enferm. [online]. 2011, vol.64, n.4, pp.783-785.

SABINO, K. C. **Hífens e ênfases: entre arte, escola e professor.** USP. 37ª Reunião Nacional da ANPEd, UFSC – Florianópolis, 2015.

SILVEIRA, F. T. **Caminhos percorridos por uma pesquisa com o teatro na escola ... aprendendo a aprender e a interagir com o outro.** UFP. 2007.

SOUZA, L. F. **Um palco para o conto de fadas: uma experiência teatral com crianças na educação infantil.** Creche Fiocruz. 29ª Reunião anual da Anped, 2006.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-464-1



9 788572 474641